

# POLÍTICA E ÉTICA EM MAQUIAVEL

COSTA, Gelson Kruk da<sup>1</sup>

RU 1173298

BONFIM, Lucília M.G.A.<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir a temática Política e Ética em Maquiavel a partir do realismo político do pensador Florentino. Para tanto, essa discussão partirá do seguinte questionamento: o que levou Maquiavel a abordar a questão da política e da ética de forma diferenciada quando comparada aos paradigmas do pensamento grego e medieval na mesma temática? Dessa forma, será abordado a biografia e o contexto histórico no qual viveu Maquiavel e as suas principais obras. Permeando discussões sobre política e ética; os conceitos de Fortuna e Virtú; e as principais características da obra “O Príncipe” que a tornam como uma alternativa de liderança para o Estado.

**Palavras-chave:** Maquiavel. Política. Ética. Fortuna. Virtú.

## 1 INTRODUÇÃO

O tema aqui debatido neste artigo decorre de questões levantadas, questionadas e amplamente debatidas pela sociedade em geral na atualidade. Tanto a ética quanto a política tem sido assuntos cotidianos ressaltados pela mídia brasileira e internacional.

A população assiste a uma enxurrada de fatos relacionados à corrupção por parte da classe política e desvios de condutas por aqueles que foram eleitos como representantes da vontade popular.

Entretanto, verifica-se, por outro lado, um debate superficial sobre a ética e a política, muitas vezes embasadas no senso comum ou em discussões polarizadas,

---

<sup>1</sup> Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. Turma 2015/02 GD FILOSOFIA. Ano 2017.

<sup>2</sup> Professora Orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

quando não partidárias, tanto por parte da mídia quanto por parte da própria sociedade em geral.

Diante de fatos como estes, parece que convém retomar aos pensadores clássicos que debateram, conceitualizaram e explicaram certos mecanismos que são diretamente ligados a natureza do mundo político. Principalmente àqueles que provocaram rupturas em paradigmas e criaram novos padrões de pensamento. Um destes pensadores foi Nicolau Maquiavel (1469-1527). Para Martins (s/d, p.28) “nos vários escritos políticos de Maquiavel há especial atenção voltada para um evento que sempre pode ocorrer para qualquer organismo político: sua ruína, decadência ou corrupção”.

Importante considerar também que historicamente sociedades e pensadores construíram visões e conceitos diferentes de ética e política. Em alguns casos a ética se encontra ligada à política, em outros casos à religião e até mesmo desvinculada da política.

Diante da amplitude de discussões no que diz respeito à ética e a política na atualidade e na história do conhecimento faremos um recorte temporal focando o estudo em Maquiavel e mais especificamente na abordagem destes dois temas no pensamento do filósofo. Considerando que o conhecimento é historicamente construído e que a política e a ética são dois campos de investigação da filosofia é que se ressalta a importância deste estudo para os dias atuais no intuito de clarear conceitos, ideias e colaborar de forma mais fundamentada para o debate atual, que tanto é explicitado pelos diversos instrumentos de mídia e pela sociedade.

O nosso objetivo geral será analisar o realismo político de Maquiavel no contexto histórico em que viveu e a desvinculação da política da ética permeando os conceitos de Fortuna e de Virtú bem como, apontar as principais características da obra “O Príncipe” que a constitui como uma alternativa de liderança para o Estado. Com isso pretende-se responder o seguinte questionamento: o que levou Maquiavel a abordar a questão da política e da ética de forma diferenciada quando comparada aos paradigmas do pensamento grego e medieval na mesma temática?

## 2 MAQUIAVEL E AS CONDIÇÕES POLÍTICAS DA PENÍNSULA ITÁLICA

Abordar a temática “Política e Ética em Maquiavel”, bem como analisar o realismo político do filósofo, nos remeta ao contexto histórico no qual viveu o pensador florentino e principalmente as condições políticas da época em Florença e da Península Itálica.

Para tanto, Ferreira (2015, p.58) destaca:

Florença era uma cidade-Estado organizada em termos políticos sob um regime republicano e constituía um dos principais centros populacionais da península. Enquanto outros territórios do continente europeu, na porção ocidental, já estavam unificados sob o signo da monarquia, a Itália encontrava-se fragmentada em um conglomerado de cidades.

Vale destacar, portanto, que a Itália não era um Estado unificado como conhecemos no conceito moderno de Estado<sup>3</sup>, mas havia apenas um aglomerado de cidades localizadas na Península Itálica e, portanto, uma nação de diversos pequenos Estados onde se tinha romanos, milaneses, genoveses, florentinos, entre outros, com regimes políticos, econômicos e culturais variados. Posteriormente, estes pequenos Estados deram origem a cinco grandes Estados: Reino de Nápoles, Estados Papais, República de Florença, Ducado de Milão e República de Veneza. Dessa forma, Nicolau Maquiavel (1469-1527), conviveu com um período conturbado, marcado por conspirações, assassinatos e guerras. Aspectos que marcaram a Itália durante os séculos XV e XVI em pleno período Renascentista<sup>4</sup>.

Foi neste contexto histórico que Maquiavel nasceu em Florença e conviveu ativamente com questões de ordens práticas na política. Não se pode afirmar que Maquiavel foi um homem “maldoso” ou “maquiavélico”<sup>5</sup>, pelo contrário, sua vida é marcada por uma formação culta e humanista apesar de ser oriundo de um ambiente simples. Filho de Bartolomea de Nelli e do advogado Bernardo Maquiavel,

---

<sup>3</sup> O Estado Moderno nasceu na segunda metade do século XV, a partir do desenvolvimento do capitalismo mercantil nos países como a França, Inglaterra e Espanha e somente mais tarde na Itália. Entre as características do Estado Moderno estão a Soberania, Território delimitado, o Povo e o Governo.

<sup>4</sup> O Renascimento começou na Itália, no século XIV, e difundiu-se por toda a Europa, durante os séculos XV e XVI. Foi um período da história europeia marcado por um renovado interesse pelo passado greco-romano clássico, especialmente pela sua arte.

<sup>5</sup> O termo designa tudo aquilo que é pérfido e aquelas pessoas astuciosas, velhacas e ardilosas ou aquilo que é imoral.

nasceu em 03 de maio de 1469, em Florença, estudou letras e direito e teve a oportunidade de estudar os grandes autores da Roma Antiga.

Aos 29 anos, em 1498, foi escolhido para trabalhar na Chancelaria de Florença como segundo secretário. Durante 14 anos Maquiavel exerceu vários cargos diplomáticos, período no qual ampliou seus conhecimentos sobre o funcionamento dos Estados. Com a queda, em 1512, do Governo republicano de Florença, para o qual trabalhava, foi demitido de suas funções diplomáticas. Preso e processado pelo novo Governo dos Médicis, Maquiavel recolheu-se a sua pequena propriedade em Sant'Andrea in Percussina, nos arredores de Florença, onde passou a escrever suas grandes obras políticas. (MARTINS, s/d, p.30).

Apesar dos seus esforços de reaver o seu cargo na chancelaria florentina Nicolau Maquiavel não obteve sucesso e passou a sobreviver com poucas rendas da sua propriedade e com a ajuda de amigos. O mais próximo que chegou da vida pública, novamente, foi com a sua contratação pela Universidade de Florença para escrever a obra a “História de Florença” datada de 1525.

Segundo Martins (s/d, p.30): “Em 1527, com a queda do governo dos Médicis em Florença e a restauração do Governo republicano, Maquiavel alimentou a esperança de voltar à vida pública, mas novamente as portas se fecharam para ele.” E no dia 21 de junho de 1527 Maquiavel faleceu sem recuperar o seu antigo prestígio político deixando vários estudos realizados e obras que são estudadas até a atualidade. Entre as principais obras pode-se destacar:

É do ano de 1513 que data *O Príncipe*, anunciado em carta a Francesco Vettori e dedicado ao então senhor de Florença, Lorenzo de Médici, no intuito de reaver a posição perdida, sem, porém, obter sucesso. (...) Maquiavel termina, em 1517, os *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, obra em que se dedica a examinar uma série de questões relativas ao governo republicano. A estas obras seguem-se outras, como o *Discurso sobre as formas de governo de Florença*, de 1519, *A arte da guerra* e *A vida de Castruccio Castracani*, ambas de aproximadamente 1520, a *História de Florença*, de 1525. Isso sem falar na produção propriamente literária de Maquiavel, que envolve peças teatrais, como, por exemplo, *A Madrágora*, obra prima do teatro italiano, a novela *Belfagor*, além das *Decenais* e de alguns poemas. (PANCERA, 2009, p.418).

Pode-se afirmar, portanto, que Maquiavel foi um grande historiador e político e deixou um legado histórico no que diz respeito aos limites e possibilidades da ética na política.

### 3 A QUESTÃO DA POLÍTICA E DA ÉTICA EM MAQUIAVEL

O pensamento de Maquiavel é marcado por um realismo político e pelo estabelecimento de uma ética laica. Dessa forma, o pensador vai contra os padrões de pensamento e tradições até então vigentes, ou seja, do antigo e do medieval. Para os gregos havia uma ligação muito forte entre a política e a ética enquanto que no período medieval a ligação se estabelecia entre o poder do Estado e a religião. Segundo Huisman (2000), na obra “O Príncipe” de Maquiavel, verifica-se que:

A política não é apresentada como aplicação de normas morais, de valores transcendentais, e o político não é considerado o representante terreno do poder divino. Muito esclarecedores, por exemplo, são os conselhos sobre a atitude que o Príncipe deve adotar diante da religião: ele não deve submeter a política à religião; ao contrário, deve esforçar-se por manipular em proveito próprio as crenças do povo, sem se preocupar com “a verdade” intrínseca que possam conter. O *príncipe* não deve, portanto, instaurar (ou restaurar) uma ordem ideal em conformidade com valores absolutos. A política é sempre exercida a partir de uma realidade concreta singular, sobre a qual age para transformar. Contrariando qualquer utopia (o visado aqui é Platão), Maquiavel restabelece “a verdade efetiva da coisa”. E a verdade é que a política é, acima de tudo, *conflito*. (p.440).

O florentino abordou a política de forma totalmente autônoma sem uma ligação direta com outra área do saber. Foi nesta questão que Maquiavel se diferenciou dos demais pensadores até a sua época. E, dessa forma, enfatizou uma política analisada a partir dos próprios fatos políticos considerando os estudos históricos e as tomadas de decisões de cada governante de acordo com o contexto que em viveram.

Assim, a política passa a ser vista como uma atividade essencialmente humana, mas não ligada à natureza (como viam os gregos) ou à questão divina (como os medievais pregavam). Ela passa a ser uma atividade de conflito que requer jogo político mesclado com articulações e disputas.

Portanto, a política não é apresentada como uma aplicação de normas morais, mas, como fato que deve ser exercido a partir de uma realidade concreta singular sobre o qual age para transformá-lo. O Príncipe precisa ajustar as suas ações às circunstâncias e peculiaridades momentâneas, considerando os fatores objetivos e reais do mundo da experiência e não por critérios de valor que expressam o plano ideal. Deve pautar-se no “ser” e não no “dever ser”, ou seja, deve

se embasar naquilo que realmente é e não no que deveria ser ou que gostaríamos que fosse.

Aqui reside o caráter realista da política em Maquiavel, pois não se trata de falar sobre como a sociedade deve ser, mas de falar, antes de tudo, da sociedade que existe. Por isso, é preciso conhecer a realidade, ou seja, a sociedade que existe, e definir uma ação com base nisso. (ALMEIDA, 2015, p.106).

Ressalta-se, assim, a teoria política de Maquiavel embasada na realidade histórica e, portanto, se configurando como uma observação realista dos fatos políticos e da sociedade.

Com tudo isso, fica evidente a polêmica da relação entre a política e a ética quando analisado o pensamento de Maquiavel. O mesmo rejeita completamente o legado ético cristão e a ética grega, embasada no ideal e padrões de comportamentos pré-estabelecidos, como única forma de agir na sociedade.

... a política para Maquiavel não está isenta de deveres, mas os critérios para estipulá-los não podem ser estranhos à sua finalidade, que é a preservação do bem comum e da ordem pública traduzidos, em *O Príncipe*, pela conquista e manutenção do poder. Para alcançar este fim, o agente político não dispõe de um anteparo moral absoluto. Ao se defrontar constantemente com a incerteza, a instabilidade e a mutação, inerentes aos acontecimentos políticos, não pode recorrer a um conjunto de regras fixas. (BARROS, s/d. p.22).

Nessa visão, a priori, não fica evidente nenhum tipo de antagonismo entre moral e política para Maquiavel, pois o objetivo é um só: o bem do Estado. Os problemas com relação a estes conceitos somente irão aflorar a partir da praticidade dos fatos e da tomada de decisão do governante, ou seja, quando o político adotar medidas que são consideradas imorais pelos padrões da ética grega e do pensamento cristão.

Portanto, para o florentino a política tem leis, regramentos e comportamentos próprios, conforme cada realidade e contexto, e que estão além dos limites da moral e da ética. E, dessa forma, é com Maquiavel, pela primeira vez na história, que a ética é desvinculada da política. Assim, partindo da ideia de que a Política é, acima de tudo, conflito e, portanto, o confronto de forças antagônicas, o político deverá saber agir bem. Para isso, deverá considerar a “Fortuna” e praticar a “Virtú”.

#### **4 OS CONCEITOS DE FORTUNA E DE VIRTÚ EM MAQUIAVEL**

A principal qualidade do príncipe de conquistar ou se manter no poder é agir conforme as circunstâncias. A “Fortuna” diz respeito a estas circunstâncias de um determinado cenário, mas, é com “Virtú” que o príncipe mostrará a sua sabedoria de agir conforme a realidade, tendo a capacidade de controlar e tomar decisões diante das adversidades e se manter no poder.

Portanto, a Fortuna está ligada às circunstâncias do momento, da sorte da pessoa, àquele tempo presente e suas necessidades. É uma ordem de coisas na sua diversidade de realidades que influenciam diretamente a política e desafiam o indivíduo, portanto é algo externo ao homem. Já a Virtú está na capacidade do homem agir politicamente e controlar os acontecimentos, ou seja, na forma de controlar essa Fortuna que está exposta a ele conforme a realidade lhe apresenta num determinado momento.

No capítulo XXV - “Poder da sorte nas coisas humanas, e como resistir-lhe” – da obra “O Príncipe”, Nicolau Maquiavel ressalta:

Sei muito bem que alguns foram e são de opinião de que os assuntos deste mundo são de tal modo governados por Deus e pela sorte que os homens, apesar de toda a sua sabedoria, não os podem corrigir, nem para eles têm, sequer, nenhum remédio. Assim, seria lógico que considerassem vão cansar-se para os dominar, em vez de se deixarem governar pela sorte. Esta opinião reconquistou crédito em nosso tempo, por via das grandes revoluções que se viram e se veem todos os dias e que ultrapassam toda conjetura humana. De tal sorte que, às vezes, eu próprio me deixo, em parte, vencer por essa opinião. Contudo, para que o nosso livre-arbítrio não se extinga, parece-me possível que a sorte seja senhora de metade de nossas obras, mas que nos deixe governar, mais ou menos a outra metade. (MAQUIAVEL, 1980, p.143-144).

Fica evidente, a partir da leitura acima, que a política não pode ser vinculada a algum tipo de preceito moral válido universalmente. São as circunstâncias do momento que irão influenciar a tomada de decisão e promover a ação votada para o fim. Ferreira (p.61, 2015), ressalta: “Notemos a completa separação entre a ética e a política, pois é justamente por estas características do conceito de virtú que

verificamos a impossibilidade de os preceitos cristãos conduzirem a conduta do governante”.

É nesse sentido que Maquiavel favorece o livre-arbítrio do homem, ou seja, se a realidade de certa forma impõe um determinado contexto às circunstâncias daquele momento, em que a Fortuna pode favorecer ou não as ações daquele que deseja tomar ou manter o poder, é pela virtú que o homem deve analisar se as condições são favoráveis ou, se não forem, quais ações deveriam ser tomadas para se ter um contexto no sentido de melhor aproveitá-lo. Não se considera a realidade de como ela deveria ser, mas a partir da realidade efetiva o homem passa a ter a capacidade de intervir. Assim, para Maquiavel, tanto pela Fortuna quanto pela Virtú é possível chegar ao poder, mas é pela Virtú que o governante tem a oportunidade de manipular a Fortuna conforme suas reais necessidades.

Tanto o conhecimento do conceito de Fortuna quanto o domínio da Virtú fazem parte das características do governante encontradas na obra “O Príncipe” - intitulada por muitos como uma alternativa de liderança para o Estado.

## **5 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA OBRA “O PRÍNCIPE” QUE A CONSTITUI COMO UMA ALTERNATIVA DE LIDERANÇA PARA O ESTADO**

É datada do ano de 1513 a obra “O Príncipe” de Nicolau Maquiavel. Entre as mais importantes obras do Florentino com certeza essa é a mais famosa. Ela foi escrita a partir de uma vasta experiência do autor em cargos públicos e de uma análise minuciosa da história.

Naquele contexto histórico a Itália estava dividida em vários estados no qual cada estado tinha o seu próprio governante. Cabe salientar que eram tempos de mudanças no qual a cristandade iniciava uma decadência; a Reforma Protestante em efervescência; o capitalismo desponta no campo econômico e na política surgiam as bases de um Estado Moderno via os Estados Nacionais. Neste contexto, Maquiavel defendia um governo forte para a Itália, com centralização do poder e embasado no modelo de um Estado Nacional. Assim, o livro tinha o intuito de apresentar um manual à Lorenzo de Médici de como proceder para se obter e manter a unificação da Itália, como Pancera (2009, p.417 – 418) ressalta:

Somente após o retorno do regime dos Médicis em 1512 e de sua exoneração do cargo que exercia é que passa a ocupar-se de questões de natureza política de uma perspectiva prevalentemente teórica, valendo-se então de sua *longa experiência e contínua lição nas coisas do mundo* (Discursos, dedicatória). É do ano de 1513 que data *O Príncipe*, anunciado em carta a Francesco Vettori e dedicado ao então senhor de Florença, Lorenzo de Médici, no intuito de reaver a posição perdida, sem, porém, obter sucesso.

A obra “O Príncipe”, se configura como um manual ou um instrumento para se governar uma cidade ou um Estado e se manter no poder, contendo conselhos para o governante. Em suma, “O Príncipe” é um tratado do poder político. E a partir de Maquiavel, a ética é desvinculada da política e da religião, se comparado aos paradigmas grego e medieval.

Resta agora ver quais devem ser as atitudes e maneiras do príncipe para com os seus súditos e para com os seus amigos. Como sei que muitos escreveram a cerca da mesma matéria, receio que, se também escrever a tal respeito, seja considerado presunçoso se me afastar da opinião por eles manifestada. Mas, como é minha intenção escrever coisas proveitosas àqueles que as entenderem, parece-me mais conveniente respeitar a verdade efetiva do assunto do que os desvarios da sua imaginação. Muitos imaginaram repúblicas e principados que nunca foram vistos e nem conhecidos por verdadeiros. É tão grande a diferença entre a maneira como se vive e a maneira como se deveria viver que quem trocar o que se faz pelo que se deveria fazer aprende mais a perder-se do que a salvar-se, pois quem quer viver exclusivamente como homem de bem não pode evitar perder-se entre tantos outros que não são bons. Por isso, um príncipe que deseja manter a sua posição precisa aprender a não ser bom e a servir-se ou não dessa faculdade de acordo com a precisão. (MAQUIAVEL, 1980, p.87-88).

Nesta obra, “O Príncipe”, há uma análise cuidadosa e minuciosa sobre o funcionamento político dos Estados e a arte de governar. O autor dividiu o tratado em 26 capítulos, sendo que: no capítulo I, o autor examina cada Estado conforme seu tipo; nos capítulos II a XI relata as formas como os Estados podem ser conquistados e conservados; nos capítulos XII a XIV ressalta as questões militares se opondo ao mercenarismo; nos capítulos XV a XXIII estão os conselhos ao político para a conservação do poder; e, finalmente, nos capítulos XXIV a XXVI, Maquiavel destaca o apelo para a libertação e unificação da Itália.

Com isso, Maquiavel procura propor uma discussão para construir uma alternativa política para a sociedade do seu tempo, rompendo com a visão aristotélica, bem como da teológica de sua época.

Para tanto, Maquiavel destaca, na obra, algumas características que o Príncipe deve possuir para alcançar o poder e mantê-lo, pautadas naquilo que realmente funciona no mundo objetivo como ele é agora e não como deveria ser.

Entre uma das características está a questão da guerra, considerada uma verdadeira especialidade do príncipe que deverá ter disciplina do seu exército, regulamentação e a arte de guerrear.

Portanto, um príncipe não deve ter outro objetivo nem outro pensamento que não seja a arte da guerra e a disciplina militar. Pois trata-se da única arte que pertence aos que comandam e tem tão grande poder que mantém não só os que são príncipes de estirpe, como também, não raro, permite alcançar tal dignidade a homens de condição simples. (...). Por isso, o príncipe que não é entendido na arte da guerra, além dos outros inconvenientes que já citei, jamais será muito estimado pelos seus soldados ou poderá fiar-se neles. (MAQUIAVEL, 1980, p.83-84).

Entretanto, Maquiavel chama a atenção para o fato de não recrutar ou confiar em exércitos formados por mercenários, milícias ou tropas mistas. Faz-se necessário que o príncipe tenha o seu próprio exército. “As forças próprias são aquelas compostas de súditos, ou de cidadãos, ou de outras pessoas que tu tenhas formado: todas as outras espécies são mercenárias ou auxiliares”. (MAQUIAVEL, 1980, p.81).

Uma grande parte da obra - precisamente nove capítulos (XV ao XXIII) - é dedicada aos conselhos ao político para a conservação do poder, permeando por temáticas como: as formas pelas quais os príncipes ganham censura ou louvor; da liberalidade e da miséria; da crueldade e da clemência; se é melhor ser amado ou temido; honra a palavra dada; como evitar o desprezo e o ódio; se as fortalezas criadas pelo príncipe são úteis ou não; como proceder para ganhar boa fama; dos ministros do príncipe; e como fugir dos lisonjeadores.

No que diz respeito ao fato de ser amado ou temido, Maquiavel afirma que o desejável é que pudesse ser ambos. Mas, caso isso não ocorra ao mesmo tempo, é preferível ser temido. Entretanto, o príncipe deve evitar ser odiado, como afirma Maquiavel (1980) “... o príncipe deve fazer-se temer de tal modo que, se não conseguir a amizade, possa pelo menos fugir à inimizade, visto haver a possibilidade de ser temido e não ser odiado, ao mesmo tempo.” (p.99).

Para ganhar boa fama o príncipe não pode descuidar da sua dignidade e quando vier de origem humilde deve evitar mostrar ao povo tal especificidade para não ser desprezado. Maquiavel (1980, p.127-131), ressalta ainda que o príncipe deve se esforçar para ser estimado, realizando grandes empreendimentos e dando exemplos plausíveis de sua administração interna para que o povo não esqueça; promovendo grandes festividades e espetáculos para garantir o divertimento do povo, bem como participar de assembleias e corporações de classes dando exemplo de humanidade e magnificência; tomar decisões é de fundamental importância se mostrando a favor ou contra alguém, mas nunca neutro, ganhando estima por ser verdadeiro, sendo amigo ou inimigo.

Outra característica na obra diz respeito ao fato de que o príncipe não governa sozinho. Para tomar as melhores decisões ele precisa ouvir seus conselheiros. Mas, antes, precisa ter discernimento para escolher com sabedoria os seus ministros:

Não é fácil a um príncipe saber escolher os seus ministros, os quais são bons ou maus segundo a sabedoria do príncipe. A primeira conjetura que se faz a cerca de um príncipe e da sua mentalidade baseia-se nos homens que o rodeiam. Se são suficientes e fiéis, podemos sempre considera-lo sensato, porque os soube achar suficientes e manter fiéis. Mas, quando assim não sucede podemos admitir a possibilidade de um discernimento funesto, porque o seu primeiro erro consiste nessa própria escolha. (MAQUIAVEL, 1980, p.133).

O príncipe ainda, deve se preocupar com os adutores. Pessoas que se encontram próximas e das quais o príncipe deve se proteger. Para tanto, Maquiavel (1980, p.135-137), menciona que são necessárias no mínimo três atitudes: fazer com que as pessoas compreendam que o príncipe não se ofenderá quando lhe for dito a verdade; autorizar as pessoas à falar somente quando lhe for perguntado algo; e desencorajá-las a evidenciar conselhos quando não lhes for solicitado.

São, portanto, estas, algumas das características impressas na obra “O Príncipe” que o governante deve ter para liderar um Estado, além do domínio do conceito de Fortuna e o agir com Virtú já explicitadas anteriormente.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo é de natureza bibliográfica, que consiste na análise de fontes secundárias que abordam o tema escolhido. As fontes pesquisadas foram livros, artigos, e textos disponíveis em sites confiáveis. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica tem como finalidade "colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito [...] sobre determinado assunto" (p.57-58).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do debate estabelecido e das considerações explicitadas ao longo do artigo, votamos à nossa problemática inicial: O que levou Maquiavel a abordar a questão da política e da ética de forma diferenciada quando comparada aos paradigmas do pensamento grego e medieval na mesma temática?

Pode-se dizer que a resposta está no realismo político de Maquiavel, ou seja, nas ações políticas que deveriam ser tomadas levando em consideração a realidade histórica na qual estava inserida a Península Itálica, dividida em vários pequenos estados independentes.

No objetivo de unificar a Itália o príncipe deveria agir com Virtú e considerando, ainda, a Fortuna. Com isso, a necessidade vai orientar a ação do governante e justificar os seus atos. Ação essa, não embasada em valores idealizados a priori, como pregava a tradição grega, ou valores submissos ao poder divino, como ressaltava a Igreja, mas ações tomadas conforme a necessidade momentânea para a conquista do poder ou manutenção do mesmo.

Assim, Nicolau Maquiavel rompeu com a tradição e a construção teórica do seu tempo e articulou uma nova perspectiva de se pensar a política, separando definitivamente a ética da política.

Dessa forma, com a preocupação de unificar a Itália num único Estado e com um poder centralizado, Maquiavel escreveu a obra "O Príncipe", que não deixa de ser um "manual" sobre os atos de um governante para se manter no poder, e a dedicou a Lourenço de Médici.

Já na dedicatória da obra observamos as intenções do autor e suas fontes de pesquisa para tal feito:

Os que desejam alcançar o favor de um príncipe costumam quase sempre começar por lhe oferecer coisas de valor ou que sejam do seu gosto, como cavalos, armas, tecidos de ouro, pedras preciosas ou outros objetos dignos da sua grandeza. Querendo eu oferecer a Vossa Magnificência algum testemunho da minha adesão, não encontrei, em tudo quanto possuo, coisa de maior valor nem mais apreciada do que o conhecimento dos feitos dos grandes homens, conhecimento que adquiri por larga experiência dos assuntos públicos destes tempos, e pelo não interrompido estudo da história da antiguidade. (MAQUIAVEL, 1980, p.07).

As várias características específicas, elencadas e debatidas na obra, que o príncipe deveria ter, foram extraídas de um minucioso estudo dos fatos políticos ocorridos ao longo da história. O príncipe deve ser virtuoso para agir diante da Fortuna com o objetivo de manter a paz e a unidade do estado independente dos meios a serem utilizados. Pois, para Maquiavel, os homens são maus, mentirosos e dissimuladores e o governante deve ser forte, mas deverá ter em mente que precisará ser astuto para agir ora de forma bondosa e benevolente, ora com dissimulação e até crueldade. Portanto, não se trata de ser bom ou maldoso, mas de tirar proveito de todas as características humanas e aplicá-las ao campo político para alcançar os fins desejados.

Observe que, antes do maquiavelismo, perdurava a noção aristotélica de política, ou seja, um ser que é, por natureza, político. Entretanto, com Maquiavel, tem-se um novo modelo de pensar a política, isto é, pensá-la com base no que os homens são, e não no que poderiam ser na sociedade. (ALMEIDA, 2015, p.110).

Pode-se afirmar que não é despercebido nos escritos de Maquiavel o forte realismo político que o Florentino deixou em suas obras e a autonomia do agir do homem para interferir na realidade em face às circunstâncias que o rodeiam. Martins (s/d, p.31) afirma: “Para Maquiavel, a ação política consiste num dos elementos fundamentais para a longevidade e poder de qualquer cidade”.

Nicolau Maquiavel, ao contrário da virtude cristã, defende a ideia de que honra, poder e glória devem ser almejados e perseguidos. A moral não pode ser um limitador de práticas políticas. Assim, o pensamento político do Florentino está

embasado no conceito de que a estabilidade política de um governo e da sociedade devem ser alcançadas a todo custo, não importando os meios, desde que eles sejam executados com Virtú.

Apesar da obra “O Príncipe” ser um dos textos mais lidos e conhecidos de Maquiavel é fato que o pensador tem sido interpretado de inúmeras e diferentes maneiras. Uma delas é o seu distanciamento em relação à moral, ou seja, Maquiavel teria expulso definitivamente a moral da política. Outras interpretações afirmam que existe certo conjunto de princípios morais, evidenciando que Nicolau apenas refuta a moral cristã e enaltece valores cívicos como o patriotismo e a coragem, propondo, desta forma, uma moral pagã. Há, ainda, linhas de pesquisa que desqualificam toda e qualquer tipo de subordinação da política à sistemas morais que não consideram a especificidade da ação política. Diferenciando a moral familiar privada, por exemplo, da moral pública mais apropriada às relações políticas.

Resumindo, apesar das diversidades de interpretações, é certo que o êxito político do príncipe depende de adequar as estratégias às particularidades de cada momento histórico e agir conforme as necessidades imediatas exigirem para a conquista ou manutenção do poder com vistas ao bem do Estado, bem como que as discussões sobre as relações entre ética e política permanecem, inevitavelmente, abertas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antonio C. Santiago. **Filosofia política**. Curitiba: Intersaberes, 2015 (Série Estudos de Filosofia).

BARROS, Alberto Ribeiro G. de. **Ética e política: nada a ver?** Revista discutindo Filosofia, São Paulo. Ano 1, n. 1, p. 20-25, s/d.

FERREIRA, Fábio. L. **História da filosofia moderna**. Curitiba: Intersaberes, 2015 (Série Estudos de Filosofia).

HUISMAN, Denis. **Dicionário de Obras Filosóficas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Atlas. 2003.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1980.

MARTINS, José Antônio. **Maquiavel e a corrupção**. Revista discutindo Filosofia, São Paulo/SP, ano 1, n. 5, p. 28-31, s/d.

PANCERA, Carlo Gabriel Kszan. **Liberdade e República no pensamento de Maquiavel**. In: MARÇAL, Jairo. (Org.). Antologia de Textos Filosóficos. Curitiba: SEED, 2009. p.417 – 459.